O programa chega ao Rio Grande do Sul

O crescimento da demanda por carne de qualidade estimula a adoção do programa criado pela Embrapa

FOTOS: TAO HASSE

■ GERALDO HASSE, de Vacaria, RS

A insuficiência da oferta de carne de qualidade para atender a esse segmento do mercado no Rio Grande do Sul levou o presidente da Aproccima-Associação dos Produtores Rurais dos Campos de Cima da Serra, Carlos Simm, a coordenar a realização de um encontro para debater o tema, em Vacaria, RS, no dia 3 de março. Do evento participaram, além de produtores, representantes da Embrapa, Emater, Senar, Sebrae e dos Ministérios da Agricultura e do Meio Ambiente – e uma tal representatividade dá a medida da importância atribuída ao evento.

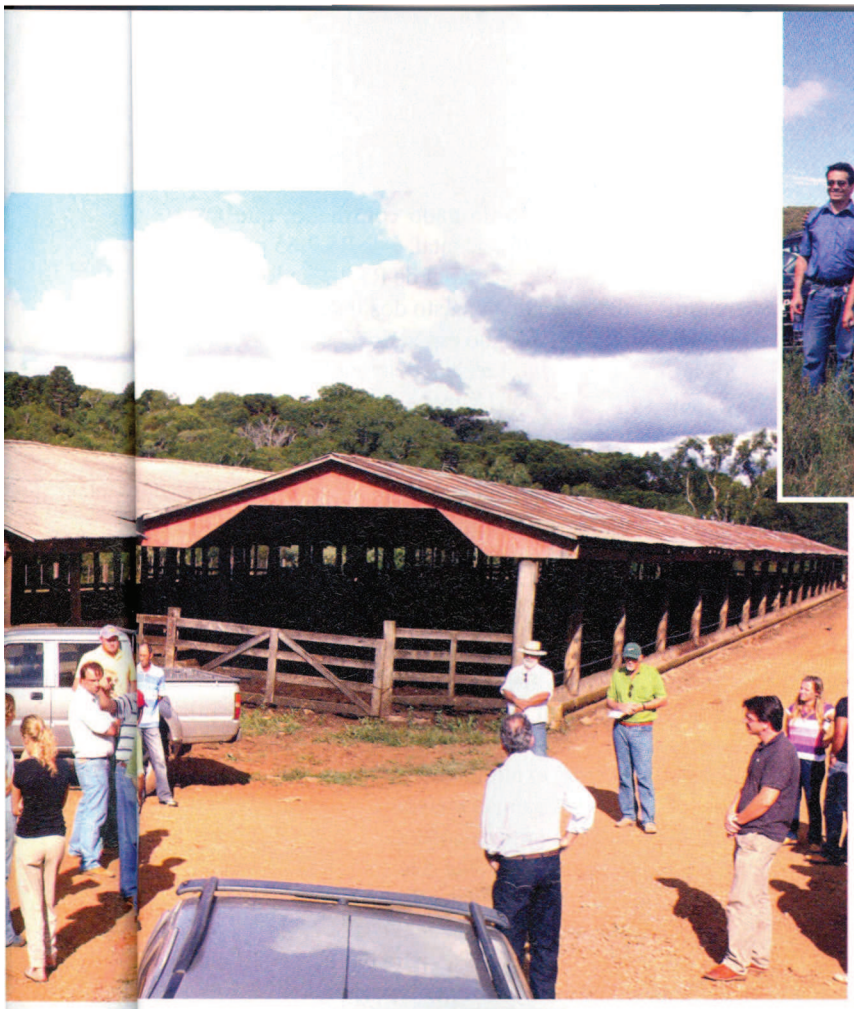
A Aproccima é o elo gaúcho do Boas Práticas Agropecuária (BPA), programa criado pela Embrapa de Campo Grande, que visa, entre outros objetivos, a estimular a produção de carne bovina de qualidade. Embora seja incipiente no Rio Grande do Sul, o programa parece ter encontrado no Estado a mesma acolhida entusiasta observada em outras regiões. De adesão voluntária, ele orienta na implementação de um conjunto de normas e procedimentos a serem observados na produção, em conformidade com as exigências da sustentabilidade, ou seja, responsabilidade social, econômica e ambiental.

A Aproccima, entidade que tomou a iniciativa de difundir o BPA na região, com vistas a ampliar a oferta de carne de qualidade, tem uma história marcada pela busca da excelência na produção. Surgiu em 1997 como Clube de Integração e Troca de Experiências (CITE 120). Inicialmente, a principal atividade de seus membros era a produção de touros, terneiros e terminação. Até hoje os negócios são feitos em parceria, as compras em conjunto e os serviços terceirizados. Em anos recentes, com a difusão do conceito de integração a outras atividades, como a criação de ovinos e a silvicultura, a entidade ampliou o seu escopo, sem descurar do objetivo principal, que é a melhoria da produtividade, em bases sustentáveis, e da rentabilidade.

"Na comparação entre Sul e Centro-Oeste, os mercados são diferentes, mas estamos trabalhando com o mesmo conceito", afirma Nedson Rodrigues Pereira, presidente da Associação Sul-Matogrossense dos Criadores de Novilhos Precoce, um dos mais entusiastas na difusão do BPA no Estado, presente no encontro. O conceito a que se refere é o da adequação da pecuária aos quesitos de qualidade, cada vez mais exigidos pelos consumidores. Também presente na reunião, o pesquisador Ezequiel Rodrigues do Valle, da Embrapa Gado de Corte, coordenador do programa, observou: "Nós começamos nadando sozinhos em Campo Grande", referindo-se ao início do BPA, em 2004, em Mato Grosso do Sul. Atualmente, fazendas que aderiram ao programa encontram-se espalhadas pelo Brasil.

ADESÃO VOLUNTÁRIA – Desde que foi lançado, o programa tem passado por sucessivas versões, com vistas ao seu aperfeiçoamento. Agora, com a iminente adesão do Ministério do Trabalho, o BPA estará coberto nos aspectos técnico, ambiental e trabalhista.

Para obter o certificado de boas práticas, os criadores precisam cumprir um protocolo de 11 exigências básicas. Mas, segundo afirma Ezequiel do Valle, "a mudança é gradual: depende da cultura e do comprometimento da fazenda". Muitos indagam quanto irão ganhar financeiramente com a mudança. Ao que ele responde que o ganho real está na organização do processo produtivo, na adequação legal e ambiental e na incorporação das tecnologias disponíveis, as quais irão contribuir para reduzir as perdas e para a melhoria da produtividade. "É um caminho sem volta", diz. "Os produtores, que sempre foram o elo mais fraco da



Visita à Fazenda Clarice, em Campestre da Serra: o programa da Embrapa desperta o interesse dos gaúchos.

cadeia do negócio da carne, precisam se unir para enfrentar a brutal concentração dos frigoríficos, e o BPA é um instrumento de fortalecimento da produção".

No encontro, o que mais impressionou os participantes, vindos de Bagé, Brasília e Campo Grande, foi a franqueza em que transcorreram os debates. "O cavalo está encilhado, mas em Vacaria todo mundo sabe que ainda é preciso trabalhar muito para se chegar ao objetivo", disse Carlos Roberto Simm. Entre os senões a que ele fez referência nas entrelinhas, estariam a insuficiente qualificação e o baixo nível de comprometimento do pessoal, problema agravado pela rotatividade.

CRIAÇÃO INTENSIVA – Agrônomo que há 15 anos voltou à terra natal para assumir os negócios da família, Simm dirige a Fazenda Clarice, de 4.993 hectares, em Campestre da Serra, ex-distrito de Vacaria. A sua experiência presta-se como exemplo de como o BPA pode avançar em terras gaúchas, estimulado pelo mercado. A fazenda tem a mesma estrutura desde 1935, quando começou a ser explorada pelo avô da sua esposa. Tradicionalmente, nela praticava-se a pecuária extensiva, secundada por investidas na agricultura. A área útil é de quase 3.300 ha (1.700 ha são de mata, córregos e banhados), formada de campos nativos, dos quais 1.300 ha são utilizados, em rodízio, pela agricultura, sendo 500 ha anuais cultivados com soja, 250 ha com milho para silagem, 100 ha para o plantio de milho-pipoca, e o restante cultivado com pastagens de inverno, para garantir a alimentação do gado, de acordo com o novo sistema adotado, de criação intensiva.

O rebanho é formado principalmente pela raça Angus, com o número de matrizes variando de 1.500 a 1.700. São inseminadas e também vão a repasse com touros. A produção de terneiros atinge 1.200 por ano. Vacas e crias permanecem em campo nativo e, tão logo ocorra a desmama entre os meses de abril-maio, os terneiros são levados par os pastos de inverno, onde ficam por um pe ríodo de 90 a 150 dias (até agosto, para a ca beceira, ou até outubro, para o restante). C machos são castrados e em seguida confi nados por um período de 90 a 120 dias. C confinamento funciona 365 dias por ano, em cinco antigos galpões de criação de aves, cad um deles com 1.200 metros quadrados d área coberta.

Confinar é um atividade tradicional n Fazenda Clarice. Carlos Simm lembra que no passado, em toda a região a produção d carne era abundante no verão e nula no in verno. A Fazenda Clarice foi das pioneira na exploração do confinamento nos mese frios, uma atividade sazonal, então.

Atualmente, duas vezes por semana, fazenda recebe a visita do expresso boiadeiro No total, são embarcados pelo menos 50 no vilhos precoces, que nos seus últimos 75 dia de vida são alimentados com ração à base d milho-grão, silagem de milho e concentra dos, estes na proporção de 25% do volumoso Cada animal recebe de 18 kg a 20 kg de ra ção total por dia, ganhando até 1,3 kg/dia. O novilhos são terminados aos 14 meses de ida de, o que os caracteriza como superprecoces mas há uma tolerância, para que avancem at ao máximo de 20-22 meses. Em 2009, o pes médio foi de 386 kg.

Novilho Angus próximo do abate: aliança garante 20% de sobrepreço.

OFERTA INSUFICIENTE – Não por acaso, a fazenda de Simm sustenta 80% da aliança mercadológica da Aproccima com dois frigoríficos da Serra Gaúcha e meia dúzia de açougues das cidades de maior poder aquisitivo da região. No ano passado, dos 3.500 novilhos da associação abatidos dentro dessa aliança, 2.400 saíram da Fazenda Clarice. A Aproccima tem apenas 14 sócios, espalhados em oito municípios. Mas a contrapartida para os criadores compensa: no ano passado, os associados receberam como pagamento R$ 2,90 pelo quilo vivo (R$ 1.120,00 no caso dos novilhos de Carlos Simm, o que equivale a R$ 84,00 por arroba, considerando-se um rendimento de carcaça de 52%), enquanto o mercado de Vacaria praticava o preço de R$ 2,40. Ou seja, 20% mais.

Isso atesta que os objetivos da aliança têm sido alcançados. Mas o elo produtivo sofre ameaça de estrangulamento, por insuficiência de produção. A Fazenda Clarice, por exemplo, não dispõe de produção suficiente de novilhos Angus, tendo de lançar mão da compra de bezerros mestiços desmamados na vizinhança, de qualidade inferior. Esse desencontro entre produção insuficiente e alta demanda de carne bovina de qualidade é uma peculiaridade da região serrana, onde está o melhor poder aquisitivo do Rio Grande do Sul (Caxias, Veranópolis, Antonio Prado, Gramado, Canela, Bento Gonçalves, Carlos Barbosa, Farroupilha e Vacaria).

Em sua estratégia de implantação do programa Boas Práticas, a Fazenda Clarice apoia-se nos serviços de dois consultores, que têm a incumbência, entre outras, de capacitar o pessoal de campo. Sócia de uma consultoria agropecuária em Erechim, a agrônoma Silmara Baruffi preocupa-se também em gerar dados para subsidiar o planejamento e a gestão da fazenda. "A maior dificuldade é convencer as pessoas a registrar suas atividades", diz ela, lembrando que, depois de uma semana, dados não anotados estarão perdidos para sempre. Silmara também cuida de assegurar a produção máxima de alimentos na fazenda. Embora dependa do clima, a equipe da lavoura tem conseguido produzir grãos e silagem de milho a custos muito mais baixos e com um rendimento maior do que a média do mercado. O rendimento médio da silagem de milho é de 35 t/ha; o do milho-grão, 120 sacas (7.200 kg) por hectare (em março, começo da colheita, estava rendendo 150 sacas); o milho pipoca, 60 sacos/ha. A produção de silagem de milho da Clarice varia de 6.000 a 7.000 toneladas por ano (24 a 28 t/ha), a um custo de R$ 50 por tonelada.

O outro consultor, o zootecnista Carlos Gottschall, de Porto Alegre, está atento ao objetivo da fazenda de produzir e fornecer o que o mercado mais quer no momento: novilho jovem, certeza de carne macia e saborosa. Daí a opção pelo confinamento o ano todo. Se a demanda não fosse tão intensa e regular, seria mais barato produzir a carne a pasto, como o faz a maioria dos criadores do Brasil, observa Gottschall. Ele é detalhista nos cálculos: o custo diário da alimentação do gado confinado, que representa 70% do total, é de R$ 2,65 por cabeça, podendo variar de R$ 2,35 a R$ 2,85, dependendo do custo dos insumos. Como o ganho mínimo esperado é de 1,25 kg por cabeça/dia, a receita pelo novilho acabado vai a R$ 3,31/cabeça/dia, deixando uma margem de R$ 0,66/cabeça/dia.

Se optasse pela produção a pasto, a Fazenda Clarice levaria um ano a mais para entregar seus animais e enfrentaria dificuldades para ser assídua e constante nas entregas. É justamente a constância da produção – além da qualidade dos animais, é claro – que gera uma fidelidade remunerada até 20% acima da média do mercado, faça chuva ou faça sol. "Nosso lema é primeiro vender, depois entregar", diz Carlos Simm, explicitando um raciocínio que configura uma inversão da prática habitual de criadores nacionais. "Eles oferecem a mercadoria pronta e se submetem à imposição dos compradores", afirma. E arremata: "Os frigoríficos pedem cada vez mais carne jovem. Por isso, para dar conta das encomendas, os fornecedores precisam se juntar. É o papel da Aproccima". ■

Confinamento sem lama

Para dar continuidade ao processo de certificação pelo programa Boas Práticas Agropecuárias, da Embrapa, as fazendas reunidas na Aproccima terão de se adequar aos pontos que venham a ser considerados como inadequados pelo comitê gestor do programa. Todas as 14 fazendas associadas à Aproccima receberam relatórios de conformidade, e sobre todas pairam pendências. Uma vez cumpridas as normas agrotécnicas, ambientais e trabalhistas estabelecidas pelo programa, é realizada uma auditoria técnica pelo comitê, que decidirá se a fazenda está apta a receber a emissão, pela Embrapa, de um certificado de participação no BPA. Esse certificado, por si só, não garante uma melhor remuneração pelos novilhos produzidos, mas contribiu para abrir portas, também no mercado internacional. O processo de certificação dura no mínimo um ano, estima Sérgio Gonzaga, pesquisador da Embrapa Sul e coordenador do BPA para a região Sul.

No exemplo da Fazenda Clarice, objeto da reportagem, o manejo do esterco gerado pelo confinamento terá de ser aprimorado, de forma a atender os requisitos associados ao bem-estar animal. Atualmente, o estrume é removido no final de cada ciclo de terminação dos animais, a cada 75 dias, e levado para uma área de cura, para ser usado como adubo nas lavouras. Isso faz com que os animais permanecem boa parte da temporada de confinamento com os cascos mergulhados numa espessa camada de fezes e urina. Além da possibilidade de ocorrência de problema nos cascos, a situação pode afetar o processo de ruminação, já que obriga os animais a permanecerem de pé, por não disporem de local seco para se deitarem.

Sérgio Gonzaga é da opinião de que tal situação seria indefensável na hipótese de uma avaliação internacional, hoje muito afeita às questões do bem-estar. Na listagem de verificação do BPA, há um campo em que se indaga se as instalações do confinamento estão situadas em local onde haja declividade para se evitar umidade e lama.